

Sessão solene

Celebração do 20.º Aniversário do Referendo (Consulta Popular)

30 de agosto de 2019

Excelentíssimo Presidente da Assembleia da República de Portugal, Dr. Eduardo Ferro Rodrigues, em representação do Presidente da República de Portugal

Excelentíssimo Senhor Ian Martin, Representante do Secretário-Geral da ONU,

Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro do Vanuatu, Senhor Charlot Salwai,

Ilustres Convidados dos vários países amigos que aceitaram o convite para estarem presentes nas celebrações do vigésimo aniversário do Referendo,

Excelentíssimo Senhor Primeiro-Ministro, General Taur Matan Ruak,

Excelentíssimo Presidente do Tribunal de Recurso, Dr. Deolindo dos Santos,

Excelentíssimos Ex-Presidentes da República, Kay Rala Xanana Gusmão e José Ramos Horta,

Excelentíssimo Ex- Primeiro-Ministro, Dr. Mari Alkatiri,

Excelentíssimos Senhores Membros do Governo,

Excelentíssimas Senhoras Deputadas e Senhores Deputados,

Excelentíssimo Representante da Santa Sé,



Excelentíssimos Senhores Membros do Corpo Diplomático,

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Povo Timorense,

É com muito orgulho e honra que dirijo esta sessão solene onde fazemos uma reflexão conjunta sobre o passado, para projectarmos o futuro. Onde celebraremos juntos o vigésimo aniversário do dia pelo qual tantos morreram, para evitar que morressem mais.

Quero agradecer a presença de todos e manifestar o meu profundo agradecimento e alegria por podermos partilhar juntos este momento.

Estendo, naturalmente, um cumprimento muito especial ao Senhor Presidente da Assembleia da República de Portugal, o Dr. Eduardo Ferro Rodrigues e ao Representante do Secretário-Geral das Nações Unidas, o Dr. Ian Martin, que chefiou a missão da UNAMET, responsável pela organização do Referendo de 30 de agosto de 1999.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Falar do dia 30 de agosto de 1999 é naturalmente falar do poder que a esperança tem e do seu efeito multiplicador. É falar da crença que as injustiças - sejam elas quais forem - não duram para sempre. É falar da enorme lição de coragem e da vontade inalienável de liberdade demonstrada pelo Povo Timorense.

O Referendo foi o epílogo de uma luta que começou em 1975 e que moldou, de forma permanente, a identidade do nosso Povo.

Hoje, todos reconhecem o processo de independência de Timor-Leste como um caso de sucesso, embora durante muito tempo, tal tenha sido deliberadamente ignorado. Fomos durante muitos anos e, em especial na região, um país inconveniente. Foram muito poucos aqueles que acreditaram, e que, lutaram connosco, pela auto-determinação do nosso Povo.

Em 1999 o mundo estava connosco, mas nem sempre foi assim. Durante décadas trilhámos uma caminhada solitária em que poucos se juntaram. Mas tivemos o apoio de alguns, poucos mas fortes nas suas convicções e imunes à pressão económica e aos interesses políticos.

No dia que hoje celebramos temos, obrigatoriamente, que falar de Portugal e dos portugueses. Esse povo antigo e resiliente que, ao longo da sua história, com audácia no momento certo, sempre soube inventar o seu destino. Na altura em que ninguém acreditava, a diplomacia portuguesa, invocando o seu direito de potência administrante, insistia em todos os lugares possíveis, levantando, pacientemente, a questão de Timor-Leste ao mais alto nível.

Foram muitos os políticos portugueses que tiveram uma acção ímpar e insubstituível, citar apenas alguns era esquecer muitos, pelo que agradeço a toda uma nação e ao Povo irmão de Portugal.

Contámos também com o apoio dos países lusófonos, sempre e em todos os momentos. Até em 1996, na fundação da CPLP – Comunidade de Países de Língua Portuguesa, quando ainda não éramos independentes, Timor-Leste esteve presente, sublinhando o apoio e a vontade de que Timor-Leste, logo que fosse independente, integrasse de pleno direito a organização.

A lusofonia tornou-se, definitivamente, num espaço de pluralidade e de diferença, e é através desta evidência que nos cabe, ou nos cumpre, participar nesta comunidade como um espaço cultural fragmentado, cuja unidade, no sentido de partilha em comum, só pode existir pelo conhecimento mais sério e profundo, assumido como tal, dessa pluralidade e dessa diferença. Se queremos dar algum sentido à galáxia lusófona, temos de vivê-la, na medida do possível, como inextricavelmente timorense, portuguesa, brasileira, angolana, moçambicana, cabo-verdiana, guineense ou são-tomense.

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Neste dia, não posso também deixar de falar da Indonésia. Contámos com o apoio de muita gente na Indonésia que, também como nós, lutavam por uma democracia, por um país mais justo e pela oportunidade de se exprimirem livremente e, sobretudo, pelo fim do regime de Suharto. Acreditamos na reconciliação e no enorme poder regenerador do perdão. Não esquecemos o que se passou – lembramo-nos bem - mas prefiro falar do presente e do futuro e de

um país vizinho que tem estado sempre ao nosso lado e contribuído, com franca amizade, para o desenvolvimento de Timor-Leste.

Sublinho também o papel da Organização das Nações Unidas, sem o qual, nada teria sido possível. Curiosamente, ou talvez não, hoje liderada por António Guterres, cujo papel enquanto Primeiro-Ministro de Portugal em 1999, foi determinante para que o Referendo acontecesse. Ficamos muito felizes que o mundo tenha reconhecido em António Guterres, aquilo que nós os timorenses já conhecíamos desde 1999.

A ONU não podia estar melhor entregue!

Quero, igualmente, prestar a minha homenagem a todos os funcionários, Timorenses e estrangeiros, que integraram a UNAMET, liderada por Ian Martin. Por terem trabalhado arduamente para que o dia da votação fosse uma realidade. Por terem estado ao lado dos Timorenses quando, nos momentos negros que se seguiram ao anúncio dos resultados do Referendo, muitos tentavam, mais uma vez, amputar os nossos direitos. A sua dedicação, coragem e resistência não serão apagadas da nossa memória.

A minha homenagem também a todos os militares e pessoal de apoio que integraram a INTERFET, comandada pelo General Peter Cosgrove, cuja ação permitiu criar as condições necessárias para o funcionamento da Administração Transitória das Nações Unidas. Não esquecemos também que, Timor-Leste foi o primeiro caso na história em que as Nações Unidas administraram um país. A UNTAET, administrada pelo grande amigo de Timor-Leste, o saudoso Sérgio Vieira

de Melo, lançou as bases para a Independência do nosso país a 20 de Maio de 2002. Às Nações Unidas, a nossa homenagem e os nossos mais profundos agradecimentos.

Não podemos, igualmente, esquecer o papel determinante dos Estados Unidos da América e, em especial, da administração do Presidente Bill Clinton que, com enorme coragem e sentido de Estado, mudou o rumo da política externa americana, e influenciou de maneira decisiva o mundo e, sobretudo, alguns países da nossa região que, até então, viam a questão de Timor-Leste como um incómodo. O empenho americano junto das Nações Unidas e do mundo, foi absolutamente determinante, e é com amizade, que agradeço publicamente toda a sua contribuição.

Senhoras e Senhores,

Falei dos principais protagonistas estrangeiros, mas não podia deixar de falar dos protagonistas locais, cujo principal é o Povo timorense. Do Presidente Nicolau Lobato - que tive a honra de servir - a Xanana Gusmão, figura incontornável da nossa libertação, todos os timorenses tiveram um papel fundamental na nossa independência. Na frente armada, na frente clandestina e na frente diplomática, todos sofremos muito nesta luta épica pela liberdade. Importa exaltar o histórico papel das FALINTIL que ao longo dos 24 anos de ocupação mantiveram acesa a chama da esperança, permitindo alimentar o sonho da independência.

Sublinho, também, o papel incontornável da Igreja Católica no apoio ao nosso Povo. Sempre soube assumir com dignidade o sofrimento do Povo, colocando-se

sempre ao lado da defesa dos seus mais elementares direitos. Não esqueçamos que o dia que comemoramos hoje, é por todos e para todos, pelos duzentos e cinquenta mil timorenses que morreram para que o Referendo acontecesse, e para que todo o povo timorense pudesse, finalmente, beneficiar da paz e da liberdade.

Lembro-me das semanas que antecederam o referendo. Recordo bem a insegurança, o medo, o temor e, ao mesmo tempo, a certeza interior que, custasse o que custasse, não podíamos voltar atrás. Com tanto sangue que já tinha corrido, com tanta humilhação que tínhamos sofrido, o último sacrifício pelo Referendo parecia pouco - sendo tão grande - face ao que queríamos alcançar.

É, por isso, que dedico as minhas palavras a todos os timorenses e a todos que sonharam connosco e que acreditaram que, contra todo o tipo de interesses, era possível viver em paz, em liberdade e escolher o nosso destino.

Minhas Senhoras e meus senhores,

Termino, fazendo uma referência a outro momento de grande importância, que, volvidos 20 anos do Referendo, verdadeiramente consolida a nossa independência. O Tratado das Fronteiras Marítimas com a Austrália, que hoje entrará em vigor. Para festejarmos este momento, importa também agradecer a todos que nos deram apoio para que as negociações com a Austrália fossem um sucesso, mas muito em especial aos veteranos australianos que estiveram, desde o primeiro momento, ao lado de Timor-Leste.



Lembro que esta vitória é, novamente, fruto de uma luta persistente e resiliente do povo timorense pela concretização da sua fronteira e apropriação dos seus recursos naturais. Uma vez mais, Xanana Gusmão soube guiar o nosso povo para uma luta que ninguém acreditava e que estava, outra vez, perdida ao início. É com emoção que, em nome do Povo timorense, agradeço a Xanana Gusmão, que inspirou os timorenses a tornarem-se crentes da utopia, campeões da resiliência e verdadeiros capitães da impossibilidade!

Muito obrigado!